

O DIGITAL EM REDE NO COTIDIANO DE DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Livia Gomes Chaves Pires¹
Mariana Linhares Martinho²
Luciana Velloso Seixas³

RESUMO

A pesquisa investiga os acessos, usos e domínios de dispositivos de tecnologias digitais e digitais em rede por estudantes do 5º período de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *campus* Maracanã, do turno da noite, inscritos na disciplina obrigatória de Pesquisa e Prática Pedagógica 3, no período letivo 2022.2. O objetivo foi identificar os perfis e entender a relação com tecnologias digitais e em rede durante a formação acadêmica profissional e o capital de rede de estudantes. Aplicamos a metodologia de questionário com perguntas abertas, semiabertas e fechadas, das quais obtivemos respostas quantitativas e qualitativas do pequeno demonstrativo que se constitui em representatividade não estatística. Tomamos como referenciais teóricos os estudos nos cotidianos de Nilda Alves, reflexões sobre comunicação ubíqua de Lúcia Santaella, a discussão sobre vidas móveis e capital de rede de John Urry e Anthony Elliott, dentre outros. Obtivemos 11 respondentes dos 33 inscritos na disciplina. Os resultados são de predomínio de acesso às novas tecnologias, mas em realidades diversas quanto aos tipos e quantidade de dispositivos materiais ao alcance. Constatamos uso de redes sociais e acessos a *sites* na internet por todos. Constatamos que a maioria dos respondentes têm algum domínio de três *softwares* do pacote Office da Microsoft; domínio de internet e habilidade de executar tarefas no *e-mail*; dispensa auxílio de terceiros no uso de tecnologias digitais - ainda que falte essa autonomia a alguns; e revelaram um capital de rede que envolve muito uso diário de tecnologias móveis ou com internet na rotina, inclusive em aulas. 36% descreve a insegurança pública no trajeto como empecilho para o uso de computador pessoal na Universidade. Predomina o perfil de sexo feminino, na faixa dos 20 anos e mais da metade com autodenominação de pessoa branca entre os participantes.

Palavras-chave: Estudantes de Pedagogia, Dispositivos digitais e em rede, Acesso a tecnologias digitais.

INTRODUÇÃO

A pesquisa abrange uma investigação do acesso, uso e domínio do uso de dispositivos de tecnologias digitais e, em especial, as digitais em rede por estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *campus* Maracanã, do turno da noite, inscritos na disciplina obrigatória de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP 3), ministrada pela professora Luciana Velloso, no período letivo 2022.2, para

1 Graduanda do curso de Pedagogia na UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bolsista PIBIC/UERJ; Jornalista. liviajor@gmail.com;

2 Graduanda do curso de Pedagogia na UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bolsista CETREINA/UERJ. marianamartinprof@gmail.com;

3 Professora Adjunta da Faculdade de Educação – UERJ, lucianavss@gmail.com

entender a relação e acessos deles a tais tecnologias e o capital de rede durante a sua formação profissional acadêmica.

A disciplina faz parte da grade curricular do quinto período da faculdade (de um total de oito), sendo a terceira etapa de um ciclo de quatro PPPs, com assunto de campo de interesse de estudo elegido por estudantes como possibilidade de base de estudos para o próprio projeto de monografia. Esta PPP aborda o tema de novas tecnologias e sociabilidades na educação, e faz parte das disciplinas oferecidas pelo Departamento de Ciências Sociais e Educação (DCSE). As aulas são semanais com duração de quatro tempos de aula consecutivos em três horas e meia por semana. Pelo tempo de convivência (equivalente a meio curso) e da escolha pedagógica, podemos dizer que se forma uma rede de relações e de afetos ao longo da experiência da turma.

A relação de discentes com os dispositivos e condições de acessos às tecnologias digitais e em rede foi pesquisada por meio de **questionário** impresso para autopreenchimento com respostas manuscritas, contendo perguntas abertas, semiabertas e fechadas, permitindo complementação das respostas nas subjetividades de estudantes. O questionário foi aplicado pela professora durante o contato com estudantes em uma aula do semestre letivo. A organização das informações coletadas aconteceu posteriormente por digitalização integral das respostas, agrupamento das objetivas em tabela de edição *on-line*, produção de gráficos para algumas, organização das respostas subjetivas, análise, e depois foi feito o registro dos resultados e busca de fundamentação teórica relacionada às descobertas da pesquisa.

O **objetivo** geral foi identificar usos, acessos e as relações de discentes com as tecnologias digitais e digitais em rede durante a formação em Pedagogia. Os objetivos específicos foram: i) identificar o perfil social de discentes; ii) conhecer a relação com tecnologias digitais e digitais em rede e se existem empecilhos aos usos e acessos durante a graduação; iii) perceber o capital de rede de estudantes de Pedagogia.

A presente pesquisa se **justifica** em relevância da emergência de usos de dispositivos tecnológicos digitais em rede no presente momento sócio histórico da sociedade da informação em convergência ao uso da internet por dispositivos móveis nos ambientes educacionais e uma tendência ao acesso de materiais didáticos disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da Universidade desde a emergência sanitária da pandemia de coronavírus - iniciada em 2020, com informes do AVA por *e-mail* e ainda o cotidiano de redes de relações em grupos de conversa por aplicativos em *smartphone* no contexto da faculdade e para comunicação entre estudantes de cada disciplina. A partir disso, surgem **perguntas**, em destaque a de se estudantes da Universidade têm uso, acesso e domínio de dispositivos digitais

e digitais em rede no cotidiano da graduação - de forma autônoma ou assistida, em impacto na formação em Pedagogia?

Contamos com o **referencial teórico** de Jacques Ardoino no entendimento de dispositivos como a “organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (ARDOINO, 2003, p. 80); ainda Lúcia Santaella sobre a comunicação ubíqua na cibercultura (ou seja, através de interfaces interativas humano/computador na internet), em que ubiquidade significa ocupar dois lugares ao mesmo tempo, sendo o ciberespaço - desde o advento das mídias móveis e das redes sem fio - e o espaço físico (SANTAELLA, 2013, *in* SANTAELLA, 2021) onde se encontra o sujeito; bem como, John Urry e Anthony Elliott (2010) sobre as vidas móveis do século XXI, inseridas num contexto social de mobilidade e com tecnologias que a permitem, tais como as mobilidades miniaturizadas sob a qual trazem o conceito “referente aos equipamentos eletrônicos que permitem a comunicação e o entretenimento enquanto os indivíduos estão em movimento”, sobre o qual investigamos os acessos a celular e *notebook*, por exemplo, por “possibilitar que o indivíduo esteja – metaforicamente – em um lugar diferente daquele em que ele se encontra” (ELLIOT; URRY, 2010, *in* FREITAS, 2014, p. 345).

Além desses autores, tomamos o conceito de cotidianos de Michel de Certeau, nos fundamentando nos estudos de Nilda Alves em pesquisa com os cotidianos em educação - compreendendo os cotidianos como a "dimensão criadora da vida e, principalmente da vida em sociedade, e dos diferentes modos de existência humana produzidos nos e produtores dos múltiplos '*espaçostempos*'⁴ em que ela se inventa e se realiza, dia após dia.", por isso, consideramos a relevância das redes de relações e a criação de conhecimentos – que transcendem o espaço da educação formal, nos apoiando nos cotidianos escolares remeterem “ao contexto social no qual se produz o entrelaçamento das redes de '*conhecimentossignificações*' e sentidos tecidas '*dentrofora*' das escolas, com a finalidade de '*aprendermosensinar*'", formarmos e nos formarmos." (ALVES; FERRAÇO; SOARES, 2018, p. 90). Trazemos isso ao contexto da pesquisa em educação universitária no curso de Pedagogia que forma profissionais para a formação de outros sujeitos.

A pesquisa busca identificar variadas relações de discentes na/com a cibercultura. Esta "refere-se a todas as formas de inserção, troca, compartilhamento e armazenamento que se abrigam [...] no ciberespaço, graças às interfaces interativas humano/computador"

4 Grafia conforme a autora Alves (2018) em aspas simples e em itálico para unir ideias que tradicionalmente são vistas como dicotômicas.

(SANTAELLA, 2021). A investigação atravessa questionamentos dos usos de elementos da web 1.0 (sobre domínio de uso de *e-mail*), web 2.0 (sobre consumos de redes sociais) e web 3.0 (games e uso de motores de busca - que empregam pesquisa semântica possível desde os metadados, para acesso a *sites*) (SANTAELLA, 2021). Entendemos a necessidade de continuidade em estudos posteriores sobre os usos da web 4.0 com os significativos avanços das inteligências artificiais próximo a época da aplicação dos questionários.

Com a pesquisa e os resultados nos colocamos alerta sobre as condições de capital de rede a que Urry expressa especificadas em certos elementos básicos para a sua constituição e reprodução, entre eles destacamos três de oito, o de dispor de equipamentos de comunicação e o acesso às tecnologias de comunicação, e ainda a capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar celular, internet, *e-mail*, entre outros. A importância das condições de capital de rede de estudantes universitários está intrínseca ao seu conceito da “capacidade de engendrar e manter relações sociais com pessoas que não estão necessariamente próximas e que podem gerar benefícios emocionais, financeiros e práticos” (ELLIOTT; URRY, 2010).

Discentes participaram da pesquisa por questionário com respostas objetivas e subjetivas sobre os usos, acessos e domínio de tecnologias digitais e em rede. Apontaram mídias de maior interesse sendo as redes sociais, e no plural pois todos usam duas ou múltiplas, e com dedicação de acesso diário. Outros consumos na internet aparecem nas respostas diversificadas, sem uma unidade tanto para *sites* quanto para aplicativos. Os respondentes têm habilidade para executar tarefas em *e-mail* e domínio de uso dos *softwares* Word e Power Point, e sinalizaram menor confiança, mas dispor em maioria “algum domínio” de Excel. Os dispositivos digitais usados e o quantitativo de opções deles varia muito entre os participantes da pesquisa. A mobilidade desses para o uso na Universidade foi apontada espontaneamente (por 3) como um desejo interrompido pela condição de insegurança pública na cidade do Rio de Janeiro.

Com apenas uma exceção, os 91% destacaram a sensação de falta de uma formação acadêmica integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade, inclusive deram sugestões variadas de temáticas de cursos de interesse tanto de fins práticos na formação quanto de informática.

Concluimos por uma intensa comunicação ubíqua de discentes com acesso ao ciberespaço (o espaço informacional conectivo da internet, onipresente e naturalizado nas rotinas) (SANTAELLA, 2021) por dispositivos digitais em rede variados e dispendo de mobilidade, inclusive com usos no espaço da Universidade. Embora predomine o perfil de jovens adultas na faixa dos 20 anos, a autonomia de uso das tecnologias digitais em rede (64%)

não é uma realidade, inclusive na adulta madura próxima a terceira idade, o que demanda auxílio de terceiros. Pelos usos de tecnologias miniaturizadas, a mobilidade, o domínio de uso do *e-mail*, e por deduzirmos os contatos possíveis nas redes sociais, concluímos por capital de rede de estudantes.

METODOLOGIA

Aplicamos a metodologia qualitativa e quantitativa (não estatística) através de questionário impresso de autopreenchimento com perguntas abertas, semiabertas e fechadas. Analisamos as informações obtidas de 11 respondentes, dentre 33 inscritos na disciplina. A participação na pesquisa foi durante as aulas com respostas objetivas e subjetivas manuscritas.

Passamos pelas **etapas** de organização das informações, inclusive, com criação de tabela e gráficos das respostas para uma noção visual do todo e de como se apresentaram diante da variedade de opções de respostas das perguntas fechadas com múltiplas escolhas. Organizamos em uma planilha de edição em compartilhamento digital na nuvem acessível pela internet de todas as respostas fechadas e sinalizando se houvesse comentário dos participantes. Adiante, montamos novo documento digital na nuvem onde digitalizamos integralmente o questionário de cada participante. Em outro documento, agrupamos todas as respostas por cada questão, incluindo as subjetivas, para análise pontual uma a uma. Em seguida, analisamos as respostas e redigimos os resultados por assunto (para depois eleger alguns resultados dispostos neste trabalho). Fez-se necessário reorganizar algumas repostas subjetivas diante da análise de pequenas confusões dos participantes como citação de rede social como *site* usado. Buscamos embasamento teórico para nortear a compreensão dos dados produzidos na pesquisa. Retornamos às análises. Produzimos a presente escrita acadêmica a partir dos resultados e cenário obtidos na pesquisa. Assim, conhecemos um pouco sobre estudantes de educação e suas relações e usos das tecnologias digitais e em rede com um pequeno demonstrativo não estatístico de graduandos de Pedagogia do turno noturno em 2022.

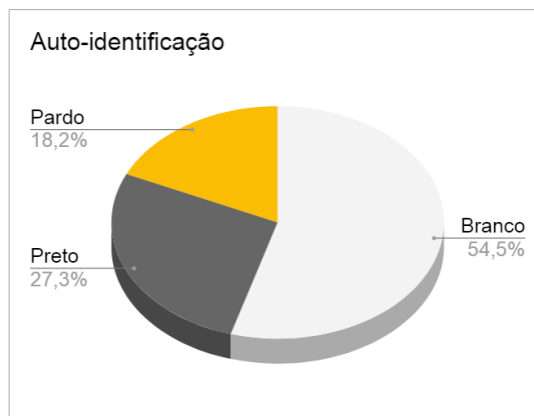
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazemos aqui os resultados da pesquisa com graduandos de Pedagogia na Universidade pública de um pequeno demonstrativo obtido com 11 respondentes ao questionário quanto às possibilidades de usos de dispositivos tecnológicos digitais naquele momento da pesquisa de

2022, bem como buscamos fornecer informações sobre um pouco do contexto social dos estudantes.

Sobre a forma das respostas, notamos que algumas pessoas respondiam especificamente com “sim” e “não”, de forma muito lacônica ou assinalando as opções e se abstiveram de comentários enquanto outras escreveram bastante.

A quase totalidade dos participantes se auto identifica do sexo feminino, 91%, a maioria de pessoa branca, 54%, e na faixa dos 20 anos, 91%, com uma exceção de adulta madura de 57 anos. Apenas dois respondentes nasceram antes das transformações do universo digital quando a WWW se instalou na internet em 1995, ou seja, que separa os nascidos antes e depois da era da internet, sendo um nascido pouco antes, em 1993, e por isso, atravessa as tecnologias do analógico ao digital, e um respondente com infância e juventude bem anterior ao contexto tecnológico do digital.



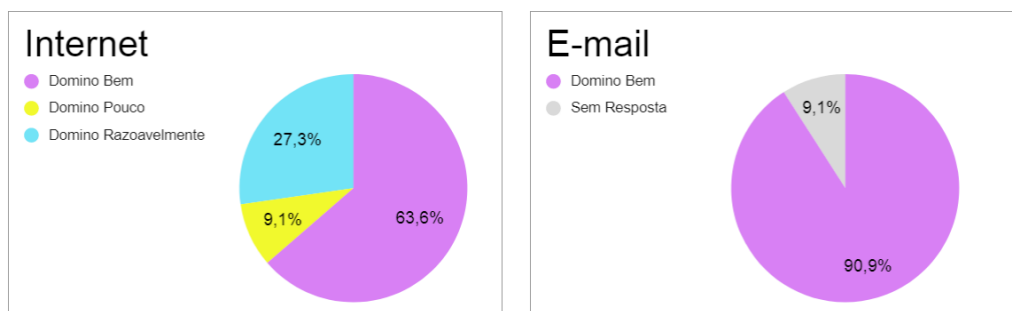
Predomina a auto-identificação de pessoa branca (6) seguida de (3) pretos e (2) pardos



Predominam discentes adultos jovens (9), nascidos na era da internet, apenas dois antes

Exceto um, os respondentes, 91%, afirmam ter tido contato com recursos tecnológicos antecedendo ao ingresso na **educação** no nível superior, durante o ensino médio. Todos estão na primeira graduação.

Resumidamente a pesquisa demonstrou o domínio (91%) do uso de **internet e e-mail**. Perguntamos sobre quais são os acessos na internet e os usos em respostas subjetivas, as respostas foram diversas. Todos disseram acessar *sites*.



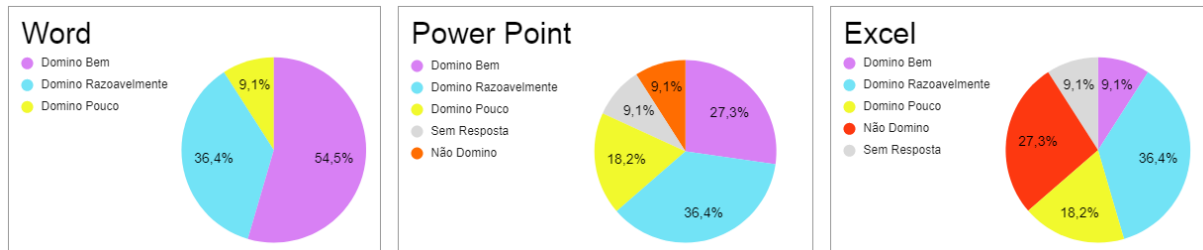
Prevalece o domínio de internet e e-mail

Perguntados sobre usos de **aplicativos e jogos** e quais seriam, 64% citou o uso, 27% (3) responderam não usar, 36% (4) citaram jogos (um ou dois aplicativos de jogo), uma pessoa, 9%, não respondeu. Notamos terem gostos e fins variados diante de citações de aplicativos usados, o que podemos ressaltar das individualidades, ainda que com repetição de aplicativo de banco, 36%, (4), seguido de 3 *streaming* de vídeos de filmes e séries, 2 aplicativo de *streaming* de música, 2 de transporte, 2 de aplicativo de comida, 2 de compras, 1 de anime, 1 de editor de foto, saúde, bíblico, e “*newspapper*” para “leitura de jornais traduzidos do mundo todo”.

Todas usam de duas a sete **redes sociais** com periodicidade de diária a esporádica variando a frequência de uma para outra rede social. Todos os participantes citaram o Instagram exceto um que respondeu “diversos”, e por isso não entra na contagem das redes. 8 citaram WhatsApp. 6 citaram Facebook e também 6 o Twitter. 2 YouTube. Só 1 citou TikTok e igualmente 1 para Pinterest (ainda que a pessoa desconheça essa ser uma rede social, pois colocou na outra pergunta sobre *sites*. Esta é justo a pessoa com maior número de uso de redes sociais, e, com exceção do Facebook de uso “quase nunca” e o Pinterest de “algumas vezes”, faz uso diário de todas as outras 5 redes). Observamos o quantitativo médio de redes sociais ser de 4, 3 ou 2 redes sociais para cada três participantes da pesquisa.

A maioria dos estudantes têm também algum domínio de **softwares** do pacote Office da Microsoft. Todos têm algum domínio de Word, e a maioria (9 ou 81,9%) de Power Point. Excel tem o menor quantitativo de domínio em comparativo, mesmo assim são maioria com 63,7%.

Entendemos que os usos desses recursos possam ser de grande necessidade para o cotidiano acadêmico, para a produção acadêmica seja para cumprir exigências das avaliações do curso quanto para atividades de apresentação visual de trabalhos como seminários, e o *software* de planilha possa ser útil para a prática de pesquisa em organização de informações quantitativas em volume, tal como aplicamos numa das etapas deste presente trabalho.⁵



Prevalece o domínio ou algum domínio de *softwares* do pacote Office

No ponto da pesquisa sobre *softwares* e habilidade em tarefas no *e-mail*, consideramos no resultado quanto a “ausência de resposta” como alerta para um possível indicador de relação geracional com a tecnologia, posto de as três respostas de abstenção serem apenas da mesma pessoa com idade maior que de todo o grupo respondente (ainda que houvesse a opção de “não domino”) e ser a única a dizer pouco domínio em Word e *internet*. Entretanto, a observação das respostas num geral do questionário, ao menos quanto à *internet*, nos parece talvez ser algo mais para a auto percepção já que aponte uso de mais de uma rede social, o que em si faz parte dos usos no ciberespaço. Ainda contextualizando os usos, e por mais que em outro momento diga precisar de auxílio para uso de tecnologias, em contraponto diz ter o maior grau dos índices fornecidos para quantificar intensidade de seu uso de tecnologia móvel para leitura de texto na sala de aula, e em outro ponto diz não dispor de celular.

Outro ponto relevante foi de uma maioria de 64% (7) afirmar não precisar de auxílio de terceiros para o acesso e o uso de tecnologias, mas ainda se faz um desafio para 36% (4) atingir uma **autonomia**. Três disseram contar com o auxílio de familiares.

Questionamos se os respondentes participaram de **cursos** que auxiliaram no uso de novas tecnologias e apenas dois (18%) disseram ter tal vivência. Destes, um disse ter feito um curso e estar num segundo no momento da pesquisa, e a outro cita o curso de Pacote Office.

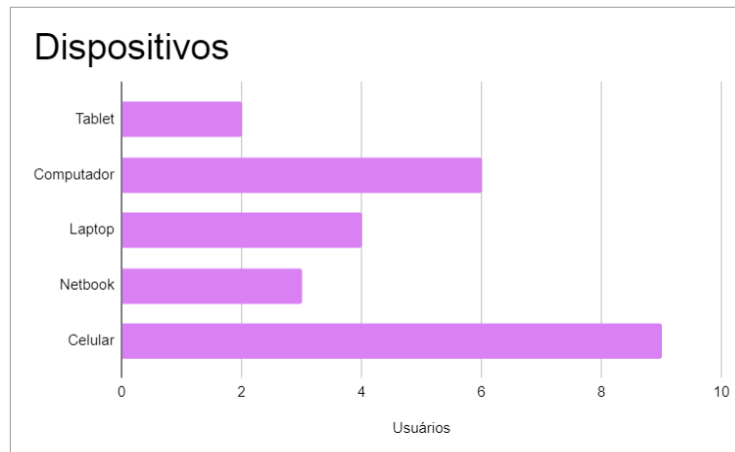
⁵ As autoras igualmente são graduandas do curso e a análise dos dados demandou uso e domínio de dispositivos similares aos *softwares* investigados, sendo optado o uso deles na nuvem.

Outro expressa assim a ausência de curso: *“Não. Aprendi na marra quando comecei a trabalhar.”*

Seguimos para entender o interesse e disponibilidade de tempo para cursos e apenas um (9%) não dispõe de tempo, os demais têm menos ou ao menos duas horas por semana, podendo ir até mais de seis horas.

Pedimos aos estudantes a opinião e sugestão quanto a uma pergunta de sensação de “falta de uma formação acadêmica que esteja integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade” para o que 10 disseram sim sentirem alguma falta e uma pessoa não. As respostas variaram em abordagens, desde sobre a oferta de cursos livres no espaço acadêmico, ou disciplinas obrigatórias ou eletivas, inclusive uma pessoa citou informática básica desde mexer no computador, outra cita disciplina com foco *“no uso e na informação com novas tecnologias”*. Uma pessoa foi mais específica propondo um conteúdo crítico com o tema *“saúde mental e o uso exacerbado das tecnologias”*. Outra pessoa sugeriu algo mais voltado a prática profissional da formação com *“instruções sobre o uso em dar aulas mais didáticas, quase nenhum professor aborda isso”* e outra pessoa citou sobre a aplicabilidade no meio acadêmico empregando um termo específico do meio digital de “interação”, nas palavras dela: *“poderiam ter mais aulas acadêmicas se apropriando das tecnologias para a interação dos alunos e professores e disciplina.”*

Com relação aos **dispositivos** acessados, chama a atenção duas pessoas (18%) não marcarem a opção de uso de celular, ainda mais por nossa escolha deste termo que amplia a abrangência de dispositivos mais antigos e os novos *smartphones*, bem como, no mesmo ponto da pesquisa aparecem dois respondentes com acesso a apenas um tipo de dispositivo enquanto outro estudante tenha acesso a todos os cinco tipos diferentes (computador, *notebook*, *laptop*, *tablet*, além do celular). Destacamos serem cenários de realidades bem diversas, e ainda nos parece contrastante um cotidiano onde um estudante universitário da segunda maior capital do Brasil não tenha celular, ainda mais pelos usos descritos nas questões com respostas abertas.



Usos dos discentes variam em número e tipos de dispositivos acessíveis. 82%, 9, usam celular

A investigação dos usos de **dispositivos** aponta o predomínio do celular (9), seguido de computador (5) e *laptop* (5), e em menor quantidade de usos estão o *notebook* (3) e o *tablet* (2). Uma pessoa marcou apenas a opção de uso de *laptop* e mais nenhum dispositivo, o mesmo para outra sobre o celular, enquanto as demais 8 pessoas marcaram uso de 2 tipos de dispositivos, e uma pessoa de 3 e outra de 4. Neste ponto observamos disparidades de acesso e uso a dispositivos ainda que isso não nos sirva para mensurar o impacto no cotidiano delas.

A segunda pessoa que marcou uso de *tablet* só tem este uso e mais o dispositivo de celular, o que podemos nos questionar se seria um dos dispositivos fornecidos a estudantes atendidos pela Universidade durante o Programa de Atendimento Emergencial de ensino remoto em caráter excepcional em decorrência da pandemia do novo coronavírus nos dois e meio anos anteriores.

A Universidade disponibiliza *internet* Wi-Fi. Sobre as formas de uso, 30% dos participantes optaram por dizer que têm acesso a **computador com internet** em casa ou outros espaços com “muito uso, várias vezes ao dia, inclusive **dentro da sala de aula**”. Entretanto, para alguns a insegurança pública aparece como cenário social atravessando o uso de dispositivos na Universidade nas respostas subjetivas para 4 pessoas, 36%.

Essas respostas nos apontam condições materiais de mobilidade, bem como nas opções de dispositivos acessíveis, o que nos remete às vidas móveis de Elliott e Urry (2010).

Para entendermos o contexto dos sujeitos, relativo ao capital de rede, propomos uma pergunta abrangente, onde 72% revelaram o uso de tecnologias móveis ou com *internet* na rotina em “uso muito, várias vezes ao dia, inclusive dentro de aula”.

Correlacionado a pesquisa, podemos considerar o acesso à *internet* por Wi-Fi disponibilizado pela Universidade a partir do “*login*” pessoal. Inexiste *workstation* (laboratório

de informática) na faculdade de educação (Edu), entretanto, são disponibilizados alguns poucos *netbooks* (ou seja, dispositivos pequenos) na biblioteca com e sem acesso à internet (diante das experiências de graduanda usuária). Ademais, em visitas aleatórias, é incomum constatar o uso de computadores pessoais na biblioteca e são raros os usos deles nos espaços comuns do campus e durante as aulas. Segundo o Data UERJ 2023, entre os recursos de informática em 2022 (segundo o quadro 13 do anuário estatísticos da UERJ), haviam 75 computadores e 41 pontos de rede no campus, quando somavam 1.399 graduandos com matrícula ativa no segundo semestre (quadro 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se faz em continuidade com discentes da graduação em Pedagogia da UERJ e com a implicação de bolsistas do mesmo curso e da professora doutora autora da linha de pesquisa, Luciana Velloso, com fundamentação construída ao longo da participação dos encontros semanais no grupo de pesquisa SoCib – Sociabilidades, Educação e Cibercultura. Podemos notar diferenças no capital de rede (e inclusão digital) em confronto com pesquisa anterior com publicação de Velloso (2018), onde, em parte, estudantes apresentavam dificuldade de acesso a dispositivos, a internet e uso de *e-mail*, entre outros dilemas distintos da presente pesquisa, naquele momento apontavam a ausência de *workstation* como agravante para a dinâmica universitária pois “para muitos/as falta o próprio recurso em si e a falta dos mesmos em seus lares acaba por fazer com que busquem outros espaços para realizar as tarefas” da faculdade (p.1058). Este aspecto não aparece na atual pesquisa, o que nos faz pensar que a popularização dos dispositivos e da conexão vem colaborando para superação da exclusão digital.

Igualmente consideramos a mudança de contexto social após um período de avanços dos usos das novas tecnologias digitais e em rede com o imperativo da pandemia de Covid-19, que impôs o isolamento social como medida de saúde pública e levou ao desafio de intensificação das atividades cotidianas mediadas por interfaces digitais. Inclusive a própria Universidade adotou o regime de educação remota e a adoção de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), sob o qual estudantes se desafiaram por longo período que antecedeu as respostas da pesquisa. O espaço virtual ainda funciona. Ademais, o incremento da UERJ para discentes terem acesso a internet e a *tablet* para darem conta das atividades naquele período, podem ter interferido nos resultados da pesquisa.

Consideramos o interesse de discentes em acesso a cursos e ainda de formação acadêmica para o uso de tecnologias digitais na prática profissional e na própria faculdade, tema surgido espontaneamente nas respostas subjetivas.

A ampla adesão de redes sociais impressiona, em um dos casos extremos chega a sete delas e com frequência alta de uso na rotina. Concluímos por ser amplo o uso de redes sociais e da periodicidade, o que nos leva a futuros questionamentos sobre o tempo dedicado para estes acessos dentro da rotina e se de alguma forma possam gerar auto percepção de interferência positiva ou negativa na rotina, na atenção concentrada e organização das ideias dos sujeitos, e sua relação com a formação, ao que visamos considerar em estudos futuros.

Entendemos neste estudo a diversidade de perfis de discentes, e a habilidade de lidar com as tecnologias digitais em rede e com mobilidade, o capital de rede e a comunicação ubíqua na cibercultura como uma realidade entre discentes e com impactos na formação profissional em nível universitário e, por isso, o acompanhamento da realidade deles e das afetações no dia a dia a partir das subjetividades deles, como relevantes para a relação com a Universidade, com a formação e a auto-formação de profissionais de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria Conceição Silva. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. (online) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109p. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575115176>

ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Editora Plano, 2003.

ELLIOTT, Anthony; URRY, John. **Mobile lives**. Editora Routledge. 2010.

FREITAS, João. Resenha: Vidas móveis (*Mobile Lives* de A. Elliott; J.R Urry, Editora Routledge, 2010. 194 p.). **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr, 2014. P. 340-352.

SANTAELLA, Lúcia. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 1ªEd, 2021.

UERJ. DataUERJ 2023 - Anuário Estatístico Base de Cálculos 2022. Disponível em: www.uerj.br/wp-content/uploads/2023/08/DataUERJ_2023_INTERATIVO.pdf Acessado em 01 nov. 2023.

VELLOSO, Luciana. Sociabilidades discentes, letramento digital e inclusão social. **Linha Mestra**, nº36, p. 1056-1060, set-dez, 2018.